



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Tourinho Zagury, Emmanuel; Teixeira da Rocha, Eveny; Miranda Maciel, Josiane
Fronteiras entre Análise do Comportamento e Fisiologia: Skinner e a Temática dos Eventos Privados
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 13, núm. 3, 2000, pp. 425-434
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18813311>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Fronteiras entre Análise do Comportamento e Fisiologia de Skinner e a Temática dos Eventos Privados

Emmanuel Zagury Tourinho^{1,2}

Eveny da Rocha Teixeira

Josiane Miranda Maciel

Universidade Federal do Pará

Resumo

O presente estudo examinou referências de B. F. Skinner à fisiologia em textos sobre eventos privados. Buscou-se identificar elementos para uma demarcação mais precisa das relações entre análise do comportamento e fisiologia. As proposições de Skinner naquela direção foram categorizadas em seis temas: a) variáveis biológicas como constitutivas do fenômeno comportamental privado; b) autonomia do recorte analítico-comportamental diante dos fatos fisiológicos; c) limites de controle do comportamento por eventos internos/fisiológicos; d) comportamento privado visto como parte do organismo como um todo; e) distinção entre contato privilegiado e conhecimento privilegiado; e f) reterenho da análise analítico-comportamental em situação de análise aplicada ao comportamento. As proposições correspondentes às descrições são apontadas como originais na definição do campo de uma ciência do comportamento capaz de fornecer uma orientação coerente a uma demarcação das fronteiras entre análise do comportamento e fisiologia enquanto disciplinas complementares.

Palavras-chave: Behaviorismo radical; análise do comportamento; fisiologia; eventos privados.

**Boundaries Between Behavior Analysis and Physiology:
Skinner and the Issue of Private Events**

Abstract

This study examines B. F. Skinner's references to physiology in publications dealing with private events. It sought to identify elements for a clearer definition of the relations between behavior analysis and physiology. Skinner's propositions concerning the relations between behavior analysis and physiology were categorized into six themes: a) biological variables as constitutive, albeit not causal, of private behavioral phenomena; b) the autonomous nature of the behavioral-analytical approach in relation to physiological facts; c) limits of behavior control by internal/physiological events; d) private behavior seen as part of the organism as a whole; e) a distinction between privileged access and privileged knowledge; f) retaining the analytical approach in applied behavior analysis. Skinner's propositions concerning the described categories are shown to be original in defining the field of a science of behavior and capable of providing a coherent guide for establishing boundaries between behavior analysis and physiology as independent and complementary disciplines.

Keywords: Radical behaviorism; behavior analysis; physiology; private events.

comportamento humano (cf. Skinner, 1990). Uma análise do debate sobre as relações entre análise do comportamento e fisiologia mostra também que a questão é polêmica, mesmo quando não se transita para o campo das teorias cognitivistas (cf. Tourinho, 1999).

O tema dos eventos privados está entre aqueles que assumem certa centralidade quando as relações entre análise do comportamento e fisiologia são discutidas, em parte devido à freqüente definição skinneriana de privado como evento interno. Tourinho (1997) aponta algumas dificuldades geradas por aquela definição, bem como sua insuficiência diante de princípios mais básicos que orientam a interpretação behaviorista radical para o comportamento humano complexo. Uma vez que a identificação do privado com o aparato anátomo-fisiológico se mostra problemática, especialmente porque pode favorecer novas versões de internalismo, interditando as análises tipicamente externalistas e relacionais que caracterizam o recorte de uma ciência do comportamento, mostra-se ainda necessário esclarecer como se organiza a referência à fisiologia numa interpretação behaviorista radical para os eventos privados.

Admitindo-se que as afirmações skinnerianas a respeito do assunto não são sempre consistentes (cf. Hayes, 1994; Reese, 1996a; Tourinho, 1997), não se pretende reiterar os problemas derivados da associação eventual entre privado e interno. O objetivo deste trabalho foi identificar, em textos do próprio Skinner sobre eventos privados, elementos para uma demarcação mais precisa das fronteiras entre análise do comportamento e fisiologia. O estudo teve como base textos de Skinner (de 1945 a 1990) nos quais a problemática dos eventos privados é abordada. As referências à fisiologia foram categorizadas e analisadas em seis temas: as variáveis biológicas como constitutivas, mas não definidoras do fenômeno comportamental privado; a autonomia do recorte analítico-comportamental diante dos fatos biológicos/

Variáveis Biológicas como Constitutivas e Definidoras do Fenômeno Comportamental

Uma ciência comportamental iniciada com a tese de que as condições biológicas de um organismo são requisitos para processos comportamentais, em que se está falando de comportamentos de organismos; tais variáveis são constitutivas e definidoras do comportamental, seja ele público ou privado. Isso significa dizer que as possibilidades de ação do ambiente dependem das respostas do organismo. Mas ainda é necessário esclarecer a eventual necessidade de referência à fisiologia para as explicações providas por um modelo de comportamento.

A especificação do *status* de comportamento privado em explicações comportamentais é invocada com o esforço para esclarecer em que medida o comportamento pode ater-se às relações entre o mundo como-um-todo/eventos-que-lhe-são-externos (cf. Skinner, 1996a; 1996b). Quando o tema dos eventos privados é o cerne do debate, o conceito de *ambiente* é usado para sugerir a participação de eventos internos no próprio definido do fenômeno comportamental, discutindo o alcance do conceito de ambiente privado, portanto, que Skinner (e.g. 1953/1974) considerava ser as primeiras indicações sobre como equacionar a participação das variáveis biológicas (doravante, seriam basicamente variáveis fisiológicas para o problema).

O ambiente é definido como evento que é capaz de afetar o organismo. Skinner (1996a) aponta que parte desse universo estão dentro do organismo (isto é, condições anátomo-fisiológicas) e que podem contribuir para constituir o ambiente de um organismo. O ambiente tem dois aspectos: a) um conjunto de eventos que torna-se ambiente quando se faz diferença entre o organismo, a partir da interação deste com o ambiente; b) um conjunto de reforçamento que lhe são externas; b) um conjunto de fatos que dito que afeta o organismo e não parte do organismo.

fenômeno comportamental (isto é, enquanto relação), não é identificada com nenhuma alteração fisiológica específica, embora uma tal alteração possa ser constitutiva de uma relação à qual se denomina “dor”. “[Estímulos dolorosos] não são a mesma coisa que a ‘experiência de dor’” (Skinner, 1963/1969, p. 243); sequer são propriamente “estímulos” à parte da relação denominada experiência de dor. Afirmações correlatas podem ser feitas com respeito a relações comportamentais que envolvem elementos do mundo físico. A experiência de umidade não é a mesma coisa que umidade; esta sequer existe enquanto estímulo até que participe de relações comportamentais, isto é, até que o organismo se comporte discriminativamente com respeito a ela.

Os processos através dos quais as variáveis fisiológicas vêm a participar de relações comportamentais delimitam o alcance de explicações nelas baseadas. Em qualquer circunstância, as relações admitidas como propriamente comportamentais são aquelas das quais participa o organismo como um todo; um evento interno controla respostas discriminativas do organismo como um todo. A referência a eventos internos sob a forma de especificação do comportamento de partes do organismo ainda não corresponde a explicações comportamentais. Por exemplo, ao identificar a adoção de explicações neurofisiológicas pelo cognitivismo, Skinner (1990) comenta que “o cérebro é parte do corpo e o que ele faz é parte do que o corpo faz. O que o cérebro faz é parte do que deve ser explicado” (p.1206). Adiante, este tema será retomado, considerando-se especificamente o caso dos comportamentos privados.

Parte significativa da argumentação de Skinner sobre relações comportamentais que envolvem componentes internos consiste na crítica ao mentalismo e à teoria da cópia, segundo a qual o organismo armazena e consulta reproduções internas (mentais) do mundo a sua volta (e.g. Skinner, 1953/1965, 1963/1969). É através da discussão do conceito de sentimento, porém, e de suas

pedra (estímulo/propriedade a contração de um músculo um evento privado). É freqüente sentir” e “coisa sentida”, que a discriminação de estímulos presentes é uma condição corporal, história ambiental do indivíduo, especificação pertence ao campo da fisiologia (Skinner, 1974) e comportamento cumpre expor os quais respostas discriminatórias tornam-se possíveis.

Três sistemas nervosos são mencionados por Selye (1974) como requeridos para a adaptação ao ambiente, inclusive seu sistema interoceptivo (através de receptores em contato com estimulações do sistema digestivo, respiratório e circulatório), proprioceptivo (através do感受器 que fornecem informações de posição e movimento do corpo), e exteroceptivo (através do sistema visual que fornecem informações de contato com estimulações do ambiente circundante). Os estímulos que atingem os três sistemas correspondem, respectivamente, a estímulos proprioceptivos e exteroceptivos. Quando sente algo interno, segundo Selye, responde discriminativamente a estímulos proprioceptivos. "Dentre as sensações sentidas, há os estímulos proprioceptivos, que são sempre sentidos de maneira idêntica, independentemente das circunstâncias. ... Também sentimos o conforto ou o desconforto, o comportamento muito fraco ou muito forte, que precedem ou estão associados a certas reações. ... O comportamento que precede a fome pode basear-se nesta interpretação de que a fome é uma "resposta reflexa automática".

comportamentais privados, portanto, de modo semelhante ao que ocorre com processos comportamentais considerados públicos, é justificada a indicação de condições fisiológicas que possibilitam o fenômeno, ao mesmo tempo em que é necessário distinguir tais condições das relações comportamentais propriamente ditas.

Autonomia do Recorte Analítico-Comportamental diante dos Fatos Biológicos/Fisiológicos

Se relações comportamentais não se confundem com fatos ou relações ao nível anátomo-fisiológico, justifica-se que o analista do comportamento, ao lidar com o fenômeno comportamental, limite sua análise à relação organismo-meio, na expectativa de que as ciências biológicas especifiquem algumas das condições que tornam aquelas relações possíveis. Uma explicação comportamental, reconhece Skinner (1987), apresenta lacunas, na medida em que “estímulos e respostas estão separados no tempo e no espaço” (p.782) e tais lacunas só podem ser preenchidas “com os instrumentos e métodos da fisiologia” (p.782). Entretanto, a referência ao que torna as relações comportamentais possíveis não é indispensável para que as relações sejam adequadamente identificadas ou produzidas.

Historicamente, algumas tentativas de promover novas explicações para os fatos comportamentais foram insuficientes, segundo Skinner (1987), para afastar a perspectiva internalista na Psicologia. Thorndike (ainda de acordo com Skinner, 1987), com sua lei do efeito, explicava a própria possibilidade das consequências do comportamento afetarem o organismo apelando para sentimentos internos de satisfação/insatisfação (Skinner, ao contrário, relacionou “o efeito fortalecedor de um reforçador operante ao seu valor de sobrevivência na seleção natural da espécie” em 1987, p.782).

O behaviorismo de Watson (1930/1970) buscou uma integração com a Fisiologia, na expectativa de substituição de “uma teoria analítica” por “uma teoria integrativa” (Watson, 1930, p.19).

informação adequada sobre o que está interior do homem enquanto ele se comporta, tem o mesmo efeito de desviar a atenção externo” (p.195). Ao contrário destas suposições, reconhecendo a existência de eventos de consciência do comportamento procura entender os fenômenos comportamentais, o afastamento das contingências ambientais não se refere ao fato de que os eventos privados estão sendo controlados como mediadores fisiológicos do comportamento, mas sim como parte do próprio comportamento (Skinner, 1969, p. 228).

Não só a ênfase em processos mentais tende a afastar o psicólogo das relações entre comportamentos. Segundo Skinner (1987, discussão sobre) a importância relativa das relações entre comportamentos é “muito menor que a discussão inóportuna” (p.224). Embora a filogenese seja considerada a base da evolução humana, Skinner (1990) insistirá no papel das relações entre comportamentos na produção e seleção de comportamentos observadas de um organismo normal, um organismo variará entre a completa quietude e a completa agitação, dependendo dos estímulos a que tenha sido reforçado” (Skinner, 1971, p. 228).

Diferente do que ocorreu com Watson, Skinner terá se distanciado da referência aos fatos fisiológicos para iniciar seu programa de pesquisas com o reflexo. O reflexo, como unidade de análise, é a unidade fundamental do comportamento, “não era algo que era uma característica do organismo; era uma lei do comportamento” (Skinner, 1987, p.781). Mesmo as “terceiras forças” (“condicionamento”, “drive” e “emoção”) que eram necessárias para a especificação das regularidades do reflexo, eram localizadas dentro do organismo” (Skinner, 1987, p.781), com suas operações realizadas pelo experimentador, que podia manipular as relações entre o estímulo e o organismo.

produzido por contingências de reforçamento. Neste caso, “aprendemos a perceber no sentido de que aprendemos a responder a coisas de modos particulares por causa das contingências das quais elas são parte” (Skinner, 1971, p.188). Novamente, tanto o mundo físico como estruturas orgânicas são requisitos para o fenômeno, mas não o definem, nem sua indicação permite a identificação das variáveis que podem de fato explicá-lo. “Não haveria, é claro, nenhuma percepção se não existisse um mundo para ser percebido, mas um mundo que exiba não seria percebido se não houvesse contingências apropriadas” (Skinner, 1971, p.187).

Finalmente, se é possível falar de uma autonomia do recorte analítico-comportamental frente ao fatos anátomo-fisiológicos, isso não equivale a uma autonomia dos próprios fenômenos comportamentais frente aos fenômenos fisiológicos (ver, a propósito, Reese, 1996a). Os dois conjuntos de fenômenos, de um lado, são interdependentes; de outro, representam níveis diferentes de análise do comportamento dos organismos. Análise do comportamento e fisiologia estudam, cada uma, “parte do episódio comportamental” (Skinner, 1987, p. 782). Se são ciências independentes, são, ao mesmo tempo, ciências complementares. Do ponto de vista de uma Psicologia Comportamental, essa nova relação teria se instituído, segundo Skinner, com sua proposição do reflexo como unidade comportamental (cf. Skinner, 1931/1961).

Limites do Controle do Comportamento por Eventos Internos/Fisiológicos

A possibilidade de controle do comportamento por eventos internos/fisiológicos é usualmente examinada por Skinner como circunscrita por dois limites: as práticas reforçadoras de uma comunidade verbal e os sistemas nervosos que permitem o contato do indivíduo com as partes de seu próprio corpo.

Como o universo em geral, o universo privado, que

verbais, como descrições de pensamentos, atitudes, preferências, os quais as teorias psicológicas com base nos quais postulam controlam o comportamento.

A dependência de contingências de respostas descritivas de eventos impõe limites ao sujeito ao discernir a ocorrência daquele evento. Ação da comunidade verbal, baseada numa inferência da comunidade, limita o alcance de suas práticas de repertórios autodescritivos. A comunidade infere a ocorrência de eventos, significando mais propriamente que na observação de eventos públicos quanto na manutenção de eventos privados (Skinner, 1945, 1974). Os primeiros limites da ação da comunidade estabelecidos por Skinner nas diversas obras sobre os repertórios privados dos eventos privados. Considerando o contexto, interessará apenas assimilar a dificuldade de acesso da comunidade ao reforçamento responsáveis pelos repertórios autodescritivos sempre estabelecidos publicamente observáveis, razão pela qual uma descrição de evento privado deve corresponder à descrição pública, de modo que a correspondência deste com os eventos privados mantidas (cf. Skinner, 1945, 1974).

Não apenas as práticas de comunidade verbal limitam as práticas de repertórios autodescritivos. A incapacidade do indivíduo de perceber os eventos internos e isso resulta da natureza nervosa sensória de seu corpo indo para as percepções (Skinner, 1989a, p.33). Voltando ao universo privado, que

combinação com estimulação *exteroceptiva* do ambiente circundante e nem sempre identificamos corretamente a fonte de estimulação” (Skinner, 1953/1965, pp.261-262). Uma eventual predominância de estímulos proprioceptivos ou interoceptivos no controle de respostas autodiscriminativas pode ser apenas momentânea e circunstancial, não representando uma autonomia de estímulos desta natureza no controle do comportamento. Diz Skinner (1974): “Estímulos proprioceptivos são dominantes quando uma pessoa descreve seu próprio comportamento no escuro, mas estão estreitamente relacionados com estímulos públicos usados pela comunidade verbal na instrução” (pp.25-26).

Quando Skinner (e.g. 1953/1965, 1974) aponta como limitadas as possibilidades de que eventos internos anátomo-fisiológicos controlem autonomamente respostas autodiscriminativas, o que está sendo indicada é a própria restrição dos sistemas nervosos que colocam o indivíduo em contato com o universo interno, em razão da qual estímulos interoceptivos e proprioceptivos podem controlar respostas autodescritivas apenas parcialmente e em associação com estímulos exteroceptivos. As práticas reforçadoras da comunidade verbal são uma tentativa de superar os limites da privacidade, possibilitando a autodescrição e o acesso público indireto aos eventos privados de um indivíduo, mas o componente inferencial envolvido no reforçamento daquelas respostas compromete a precisão da descrição.

O Comportamento Privado como Comportamento do Organismo como um Todo

Foi observado acima que, para Skinner, relações comportamentais são relações do organismo como um todo com o ambiente a sua volta. Não cabe, neste modelo analítico, ater-se ao comportamento de partes do organismo, ainda que relacionando-as a eventos ambientais, simplesmente porque se estaria diante de apenas uma parcela do que deve ser explicado por uma “única” descrição.

comportamento encoberto sempre é considerado parte do organismo como um todo, residindo a sua natureza no limite de observabilidade pública.

O caráter encoberto de um comportamento é, segundo Skinner (1968), função de certas condições de reforçamento dispostas no ambiente. O comportamento é originalmente apresentado de forma aberta (publicamente observável) e permanece encoberto como função de certas condições específicas. Ao passar para o nível encoberto, a observabilidade do comportamento, naturalmente, desaparece, sendo emitido pelo organismo como um todo.

As teorias mentalistas são apontadas por Skinner (1968) como responsáveis pelo problema do funcionamento de partes do organismo, que impede a elaboração de explicações comportamentais. Por exemplo, a teoria da cópia, na medida em que supõe a existência de reproduções internas do mundo, que permitem ao comportamento de ver, terá que ser executado por partes do organismo, que consulta um conteúdo de memória que não se confunde (cf. Skinner, 1968). A teoria da memória operante, ao contrário, o ver, pôr em movimento, é sempre um comportamento do organismo como um todo e o fato de ser emitido na ausência de estímulos significativa apenas que uma vez aprendido, o comportamento pode ser emitido de forma encoberta, quando os estímulos que estavam presentes durante a aquisição da resposta (cf. Skinner, 1968).

O interesse pelo cérebro na explicação do comportamento também está associado à teoria da cópia e é apontado por Skinner (1968) como derivado da adesão do cognitivismo ao princípio de que “o organismo é um sistema que internaliza informações, de acordo com a qual o organismo processa essas informações internamente informações abstraídas do ambiente. O resultado deste processamento se comparam com as informações que o organismo processador” é o cérebro, e assim para o organismo.

o pensar, o imaginar, etc. A proposição do comportamento encoberto como comportamento do organismo como um todo representa, portanto, mais um modo de defender um recorte de análise psicológico/comportamental, que não se confunde, em nenhum momento, com o domínio das ciências biológicas, embora possa ser complementado pelas informações geradas neste domínio.

A Distinção entre Localização, Acesso, Contato e Conhecimento

Pertence à tradição mentalista em psicologia a suposição de que cada indivíduo tem um mundo interior, com o qual cultiva uma relação única, que em certa medida é incomunicável e determinante de seus comportamentos. São os sentimentos experimentados internamente, os pensamentos secretos, etc., que não podem ser conhecidos em sua manifestação genuína por mais ninguém e que controlam o comportamento privado e público. Skinner (e.g. 1963/1969) não rejeita a existência deste mundo interno ou o modo particular como ele é experimentado por cada um, mas ao reconhecer que eventos anátomo-fisiológicos podem participar de relações comportamentais, não apenas contraria a tradição mentalista, apontando que tudo que o indivíduo sente é o seu próprio corpo, como também questiona a própria possibilidade de conhecimento privilegiado do que se passa no interior de cada um.

Para questionar o caráter privilegiado do autoconhecimento, Skinner (e.g. 1945, 1953/1965, 1963/1969, 1974) discute, em diferentes momentos, quatro aspectos da participação de eventos internos em relações comportamentais: a localização, o contato, a acessibilidade e o conhecimento. Uma confusão entre estes aspectos tem propiciado a propagação de postulados internalistas acerca do comportamento humano.

Continuando com a problemática específica dos eventos anátomo-fisiológicos, pode-se dizer que alguns deles são de natureza adaptativa.

o contato do próprio indivíduo especial, no sentido de que a experiência é diferente daquela provida pelo estabelecer com o mesmo eventualmente “estímulos proprioceptivos de certa intimidade” (Skinner, 1969, p. 225), um “contato íntimo” (ibidem, p. 22), mas isso significa apenas que o indivíduo tem um “contato íntimo” com “[um dente inflamado]” (Skinner, 1969, p. 22), que o próprio sujeito estabelece. A privacidade significará, para cada indivíduo “está sujeito de estimulação interoceptiva”

Reconhecido o caráter integrativo (tipo de contato) de certas fisiológicas, as estimulações proprioceptivas, a isso não cabe o conhecimento privilegiado anteriormente, o sujeito depende para a aquisição e manutenção de comportamentos autodiscriminativos.

O conceito de acessibilidade à localização, mas à possibilidade de responder com respostas discriminativas. Considera-se que a percepção é como apropriada para a definição de estímulos privados de um evento, como estímulos com respeito aos quais respostas discriminativas são privadas, por seu turno, das respostas discriminativas condicionadas. Estímulos proprioceptivos são privados na medida em que sua percepção é restrita; como decorrência, “não é possível perceber os estímulos deste tipo em condições de percepção exteroceptiva do ambiente circundante” (1965, p. 261).

possível daqueles eventos. Como afirma Skinner, a intimidade dos estímulos interoceptivos e proprioceptivos “não significa que possam ser conhecidos mais facilmente ou mais diretamente” (Skinner, 1963/1969, p. 230). Na medida em que o conhecimento daqueles eventos dependerá de contingências sociais, e que estas terão como base estímulos exteroceptivos, o conhecimento dos eventos privados será indireto e impreciso.

Skinner (1989a) não ignora a importância que a cultura passa a atribuir à observação e discriminação de eventos internos. Esta valorização é parcialmente justificada pelo caráter informativo dos relatos autodescritivos sobre probabilidade de comportamento futuro do sujeito. De todo modo, essas autodiscriminações são um produto cultural e compõem o que Skinner (1989a) denominará de *self*. Para ele, filogênese, ontogênese e cultura produzem, respectivamente, o organismo, a pessoa e o *self*. “Uma pessoa, enquanto repertório de comportamento, pode ser observada por outros; o *self*, como conjunto de estados internos que acompanham só é observado através do sentimento e da introspecção” (Skinner, 1989a, p. 28).

Com a distinção entre localização, contato, acesso e conhecimento, Skinner compatibiliza um reconhecimento da natureza especial do contato que o indivíduo estabelece com seu próprio corpo com a explicação do porquê este contato não corresponde a um conhecimento privilegiado, mas, ao contrário, a restrições ao autoconhecimento. Esta postura é inteiramente original na psicologia e inverte a lógica que justificava alguns postulados mentalistas, como a proposição de uma base interna e mais precisa para respostas autodescritivas frente a descrições de terceiros (o tradicional problema de asserções na primeira e na terceira pessoas). Da perspectiva skinneriana, por mais estranho que pareça, “é a comunidade que ensina o indivíduo a conhecer-se” (Skinner, 1953/1965, p. 261), ainda que cada um tenha de fato uma relação especial com o que lhe ocorre internamente.

adicionalmente a possibilidade de, em vez de se limitar a análise do comportamento confinar-se ao nível relacional. A questão é polêmica, provavelmente porque é atravessada por problemas diversos. Por exemplo, o efeito de restrições anátomo-fisiológicas determinadas, as mudanças na estruturação das contingências produzidas por processos de aprendizagem, os efeitos imediatos de alterações fisiológicas (como de história ambiental, etc.), que não podem ser organizados num sistema interpretativo que seja compatível com práticas culturais fortemente estruturadas (por exemplo, tratamento farmacológico de “distúrbios mentais”, diagnóstico clínico orientado para a classificação por síndrome, etc.). Ainda assim, é preciso falar de autonomia do recorte analítico, que é sempre em situação aplicada, o que Skinner faz de maneira exatamente a intervenção clínica. Em outras palavras, quanto mais o fisiológico são rejeitados como base para a análise e intervenção do terapeuta comportamental.

Skinner (1988/1989b) fala da psicoterapia comportamental como modelo de intervenção que se aplica em supostos analítico-comportamentais. Ele é freqüentemente preocupado com a questão da ansiedade, medo, raiva e coisas do tipo”. Ele argumenta que os terapeutas comportamentais se voltam para o ambiente social e ambiental. Isso ocorre porque, para ele, “o comportamento é causado por contingências de origem social, não por sentimentos ou situações problemáticas e nós podemos corrigir essas contingências” (p. 74).

Uma vez que o sentimento seja identificado como uma condição anátomo-fisiológica que pode ser controlada por relações comportamentais, é preciso lembrar que se trata de um produto da história ambiental, tanto quanto o comportamento que produz. “Por exemplo, se a condição anátomo-fisiológica é deprimida, o sentimento deprimido é produzido.”

intervenção próprios da análise do comportamento, pode prescindir da referência àqueles eventos e daquele nível de análise do fenômeno comportamental. A suposição contrária, de que os métodos analítico-comportamentais são menos seguros, pode levar à adesão ao recorte internalista e não se justifica. “Os terapeutas comportamentais podem também se voltar para a fisiologia se não confiam em seus próprios métodos, mas seus métodos são tão objetivos quanto os da fisiologia.” (p.82)

Tanto o internalismo mentalista quanto o fisiológico são reproduzidos no contexto de práticas culturais importantes e certamente não está ao alcance de um terapeuta comportamental promover a superação de tais práticas, mas aderir a elas corresponde a deixar de investigar e intervir com respeito às relações comportamentais propriamente ditas. Diz Skinner (1988/1989b):

“Não se pode brigar com a escolha da ciência médica como campo profissional, ou mesmo com os filósofos que pretendem examinar suas mentes através da introspecção, mas para cada terapeuta comportamental que, após descobrir um fato sobre o comportamento, procura uma explicação fisiológica, há um terapeuta a menos para estudar mais o próprio comportamento.” (p.82, grifo dos autores)

Considerações Finais

A definição das condições de independência e complementaridade entre análise do comportamento e fisiologia tem se mostrado um assunto polêmico na literatura behaviorista radical e parece demandar, para ser equacionada, uma elaboração teórica consistente, como também (e, talvez, principalmente) pesquisa empírica sistemática, especialmente na área de aplicação clínica, onde o modelo analítico-comportamental apenas recentemente começou a ser explorado com maior intensidade (e onde as práticas culturais – também favorecem fortemente recortes internalistas). É possível

comportamental privado, na relação; b) estímulos interoceptivos controlam autonomamente respostas; c) as descrições do funcionamento não são descrições comportamentais de contato, acesso e conhecimento diversos da relação organizacional privado; e) no caso da estimulação proprioceptiva, a natureza da informação associada a restrições no acesso ao conhecimento; f) o recorte analítico que se faz dos fatos anátomo-fisiológicos enquanto campo de investigações, também enquanto limite de investigação.

O quadro definido acima uma contribuição original ao de estabelecer o domínio comportamental frente a ciência pode interagir proveitosamente para os problemas humanos necessita afirmar seu recorte análise. Representa, também, possível das proposições skinnerianas que pode ser argumentada proposição de comportamento diz respeito à relação do organismo com os eventos ambientais que lhe são

Referências

- Baer, D. (1996). On the invulnerability of biological research. *The Behavior Analyst*, 19, 7.

Bullock, D. (1996). Toward a reconstruction of response to Reese. *The Behavior Analyst*, 19, 7.

Donahoe, J. W. (1996). On the relation between biology. *The Behavior Analyst*, 19, 7.

Donahoe, J. W. & Palmer, D. C. (1994). *Behavioral ton/London: Allyn and Bacon.*

Flora, S. R. & Kestner, J. (1995). Cognitive processes are never initiating causes of behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 64, 577-589.

- Reese, H. W. (1996b). Response to commentaries. *The Behavior Analyst*, 19, 85-88.
- Skinner, B. F. (1945). The operational analysis of psychological terms. *Psychological Review*, 52, 270-277/291-294.
- Skinner, B. F. (1961). The concept of the reflex in the description of behavior. Em B. F. Skinner (Org.), *Cumulative Record - Enlarged Edition* (pp 319-346). New York: Appleton-Century-Crofts. (Original publicado em 1931)
- Skinner, B. F. (1965). Private events in a natural science. Em B. F. Skinner (Org.), *Science and human behavior* (pp 257-282). New York/London: Free Press/Collier MacMillan. (Original publicado em 1953)
- Skinner, B. F. (1968). Teaching thinking. Em B. F. Skinner (Org.), *The technology of teaching* (pp.115-144). New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1969). Behaviorism at fifty. Em B. F. Skinner (Org.), *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis* (pp. 221-268). New York: Appleton-Century-Crofts. (Original publicado em 1963)
- Skinner, B. F. (1971). What is man. Em B. F. Skinner (Org.), *Beyond freedom and dignity* (pp.184-215). New York: Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1974). The world within the skin. Em B. F. Skinner (Org.), *About behaviorism* (pp.21-32). New York: Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1985). Cognitive Science and Behaviorism. *British Journal of Psychology*, 76, 291-301.
- Skinner, B. F. (1987). Whatever happened to psychology as the science of behavior? *American Psychologist*, 42, 780-786.
- Skinner, B. F. (1989a). The initiating self. Em B. F. Skinner (Org.), *Recent issues in the analysis of behavior* (pp. 27-33). Columbus, Ohio: Merrill.
- Skinner, B. F. (1989b). The operant side of behavior. Em B. F. Skinner (Org.), *Recent issues in the analysis of behavior* (pp. 3-26). Columbus, Ohio: Merrill. (Original publicado em 1989c)
- Skinner, B. F. (1989c) The origins of cognitive thought. *Psychologist*, 44, 13-18.
- Skinner, B. F. (1989d). The place of feeling in the analysis of behavior. Em B. F. Skinner (Org.), *Recent issues in the analysis of behavior* (pp. 27-33). Columbus, Ohio: Merrill.
- Skinner, B. F. (1990). Can psychology be a science? *Psychologist*, 45, 1206-1210.
- Stemmer, N. (1995). Explanatory and predictive roles of behavior. *Psychological Record*, 45, 349-362.
- Tourinho, E. Z. (1999). Consequências do extinção de recompensas no comportamento animal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15, 107-115.
- Tourinho, E. Z. (1997). Evento privado: Função e significado das recompensas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 13, 203-209.
- Watson, J. B. (1970) *Behaviorism*. New York: Norton. (Original publicado em 1930)

Sobre os autores:

Emmanuel Zagury Tourinho é Psicólogo, Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo, Bolsista do CNPq e Docente do Departamento de Psicologia Experimental e do Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará.

Eveny da Rocha Teixeira é graduanda em Psicologia na Universidade Federal do Pará e Bolsista de Iniciação Científica no Programa PIBIC/CNPq.

Josiane Miranda Maciel é graduanda em Psicologia na Universidade Federal do Pará e Bolsista de Iniciação Científica no Programa PIBIC/CNPq.